

# A METÁFORA GRAMATICAL E AS FRONTEIRAS (EXTERNAS E INTERNAS) DA FRASEOLOGIA

Antonio Pamies\*

## RESUMO

A idiomaticidade é geralmente identificada com a não composicionalidade semântica, no entanto, ambas as propriedades são graduais e não caracterizam todas as unidades fraseológicas. O conceito de metáfora gramatical, tal como definido pela Gramática Sistemico-Funcional (Halliday 1985), pode ser utilizado como critério discreto para descrever a figuratividade fraseológica, e também para opor entre elas as principais categorias fraseológicas.

**Palavras-chave:** fraseologia, idiomaticidade, fixação

## ABSTRACT

*Idiomaticity is generally identified to semantic non-compositionality, however both properties are gradual and do not characterize all phraseological units. The concept of grammatical metaphor, as defined by Systemic-Functional Grammar (Halliday 1985), can be used as a discrete criterium in order to describe phraseological figurativity, and also to oppose each other the main phraseological categories.*

**Keywords:** *phraseology, idiomaticity, fixedness*

---

\* Universidade de Granada (Espanha). Endereço para correspondência. E-mail: antonio.pamies@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A fraseologia, como é sabido, deixou de ser considerada como um fato marginal mais próximo à literatura e ao folclore do que à ciência da linguagem, e sua emergência levanta algumas questões que podem afetar os domínios linguísticos vizinhos: léxico, sintaxe e até morfologia.<sup>1</sup> Hoje a discriminação das combinações fraseológicas com respeito às outras combinações já não é somente um problema teórico, posto que afeta também algo tão “prático” como sua detecção num corpus digital<sup>2</sup> e, por conseguinte, a sua tradução automática.

Além do critério de *frequência de coocorrência* na fala, em comparação com a probabilidade normal de duas palavras aparecerem juntas (FIRTH, 1957, p. 283),<sup>3</sup> os fatores definidores mais aceitos, *fixação* e *idiomaticidade*, têm sido amiúde discutidos e revisados pelos especialistas,<sup>4</sup> e sua gradualidade tem sido motivo de algumas classificações em categorias não discretas.<sup>5</sup> Todos estes critérios *se sobrepõem* (MEL’ČUK, 2011, p. 50) e *deveriam se unificar* (GRANGER, 2005, p. 166-167).

Sem considerar as particularidades de cada teoria, esses três critérios compartilham o fato de definir a fraseologia a partir de umas propriedades negativas que a opõem à sintaxe por não preencher, total ou parcialmente, umas expectativas que esta permite. Essas anomalias pressupõem uns modelos de “normalidade”, que por sua vez se sustentam numa modularidade ancorada na tradição e reforçada pelo gerativismo (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) da qual a “frase feita” se exclui por definição: a fixação seria a negação da sintaxe, a polilexicalidade a negação da morfologia, a idiomaticidade a negação da semântica léxica, a frequência de coocorrência a negação da criatividade discursiva.

Esta caracterização “negativa” é aplicável a unidades diferentes entre si: locuções, provérbios, colocações, etc., mais unidas entre si pelo que não são do que pelo que são. Por isso, à medida que a importância (quantitativa e qualitativa) do fenômeno fraseológico demonstra ser muito mais larga do que se acreditava, as fronteiras externas e internas do domínio fraseológico questionam-se continuamente (M. GROSS, 1982; VOGHERA, 1994; LANGLOTZ, 2006, p. 5; CHLEBDA, 2011, p. 17). Ainda hoje, a classificação dos frasemas não é uma questão banal (PECMAN, 2007, p. 30). Nem a fraseologia implica sempre anomalia gramatical, nem a idealizada sintaxe “livre” carece de restrições lexicamente condicionadas. Tanto no eixo sintagmático como no eixo paradigmático, a fixação não atenta necessariamente contra as regras (*infração*), mas consiste geralmente numa *deficiência* ou *defectividade transformacional*, também chamada *restrição seletional*.<sup>6</sup> De fato, mesmo o exemplo mais prototípico de locução (*esticar*

<sup>1</sup> Cf. M. Gross, 1981, 1982, 1988; Buridant, 1989; Moon, 1998; Martin, 1996; Mejri, 1997, 2012; Čermák 1998a, 1998b, 2001, 2007; Pellen, 2001; Lamiroy, 2003; Montoro, 2008.

<sup>2</sup> Cf. Laporte, 1988; Pazos; Pamies, 2008; Issac, 2011; Colson, 2012.

<sup>3</sup> *Collocation is the occurrence of two or more words within a short space of each other in a text* (Sinclair, 1991, 170). Veja-se também Laporte, 1988; Sinclair, 1991; Cowie, 1991; Heid, 1992; Bosque, 2005; Pazos; Pamies, 2008; Colson, 2012.

<sup>4</sup> Ing. *fixedness & idiomaticity*; alm. *Festigkeit & Idiomatizität*; rs. *закрепленность & идиоматичность*. Para sua definição e descrição, veja-se Casares (1950, p. 170); Fraser (1970); Mokienco (1980); Zuluaga (1980); M. Gross (1988); Corpas (1996); Čermák (1998a, 1998b, 2001, 2007); Burger (1998; 2007); García-Page (2001, 2008); Mejri (2003, 2004, 2006); Álvarez da Granja (2005); Mendivil (1991).

<sup>5</sup> Cf., p. ex., as classificações de Vinogradov (1947); Voghera (1994, p. 209); Gläser (1998) ou Ruiz Gurillo (1998).

<sup>6</sup> *Selectional restriction*; cf. Chafe (1968); Weinreich (1969); M. Gross (1981, 1982, p. 55); Danlos (1980); Baranov & Dobrovol'skij

a *canela*) permite transformações sintáticas como a pronominalização (MENDÍVIL, 1999, p. 518), se pode dizer *O Chico esticou a canela em maio e o seu irmão o fez no mês seguinte*. A sintaxe livre também não permite tantas transformações, como bem observa Čermák: *there is no such a thing as a word without any collocational restriction* (2001, p. 159). Por exemplo, a oração *800.000 britânicos possuem uma casa em Espanha* também não permite a transformação passiva, porque mesmo sendo gramaticalmente aceitável, mudaria completamente de significado (*uma casa em Espanha é possuída por 800.000 britânicos*), sem que se considere por isso que a oração ativa seja idiomática. Como afirma Ignacio Bosque, *toda combinatoria es siempre restringida* (2004, p. LXXXIII-IV).

Outro problema dos critérios definidores é que a idiomaticidade é intrinsecamente paradoxal, ao se definir como discordância semântica entre o significado global da expressão e o da simples união de seus componentes<sup>7</sup> (BALLY, 1909, p. 74; FRASER, 1970, p. 22-33). E, como diz Čermák (1998a), é contraditório demonstrar a *não composicionalidade* em relação à “soma” de algo cuja existência se está a negar. Também a fixação tem suas contradições, pois precisa de juízos de agramaticalidade sobre expressões que respeitam as regras gerais (gramaticais e semânticas) ainda que não possam aplicá-las todas. Por isso Mejri (2012, p. 147) considera que a competência fraseológica distingue entre *aceitabilidade* e *congruência*, e entre *agramaticalidade* e *incongruência*.

Deduz-se que a delimitação do nível fraseológico pode afetar a dos outros níveis da linguagem, e, em última instância, a própria ideia de modularidade.

## 2 METÁFORA GRAMATICAL E FRASEOLOGIA

Salah Mejri, mesmo que seguidor da tradição francesa iniciada por M. Gross, considera a fixação polilexical como uma *terceira articulação da linguagem* (2006, p. 218), por analogia com a teoria funcionalista de Martinet (1960), e essa propriedade seria exclusiva da fraseologia. Como a fronteira entre articulações não pode ser gradual,<sup>8</sup> esta proposta abandona a ideia grossiana de *continuum* com respeito à sintaxe. Tal como acontece entre os fonemas e os monemas, os *frasemas* constituiriam para Mejri outra articulação sobreposta à primeira, na qual vários monemas léxicos perdem seu significado para se fusionarem num significado global não composicional, viram elementos não significativos, e só o monema único resultante pode veicular sentido (p. ex., *passar a perna* = “enganar”). Os componentes deixariam de ser lexemas ao perder seu significado individual. Essa ideia parece justificar um módulo à parte para a fraseologia, por ser um critério “positivo” que já não se caracteriza só por negação da sintaxe e da semântica léxica. Mas este paralelismo com a teoria funcionalista introduz um desvio importante, já que, neste caso, os componentes, que são elementos da primeira articulação significativos por si mesmos, se comportam **como se** fossem da segunda (porque carecem de significado in-

(1996); Mejri (1997, 2003, 2004, 2011); Mendívil (1999); Čermák (1998a, 2001, p. 160); Svensson (2004, p. 43-44); Kuiper (2007).

<sup>7</sup> P. ex. chn. *mián huā sù liǔ* (眠花宿柳), literalmente \*se deitar com as flores e dormir com os salgueiros, seria não composicional porque significa figurativamente “frequentar prostitutas sendo casado” (JIA, 2012).

<sup>8</sup> Monema e fonema são unidades discretas por definição, pelo menos no funcionalismo.

dividual) mais do que constituir uma terceira. Este “*como se*” altera a hierarquia das articulações, uma vez que dá um protagonismo decisivo a um processo analógico, que também se pode considerar como uma *metáfora gramatical*. Da mesma maneira que *passar a perna* (“enganar”) é semanticamente figurado, também sua sintaxe é metafórica; mesmo sendo sintagma, faz-se lexema, ao ter um significado indivisível. De modo que haveria dois níveis simultâneos de metaforicidade num fraseologismo: a metáfora “semântica”, onde um significado léxico ocupa o espaço de outro, e, ao mesmo tempo, uma metáfora “gramatical”, onde uma forma cumpre a função que corresponde à outra.

A ideia de metáfora gramatical não é nova, foi proposta pela gramática sistêmico-funcional para explicar a reformulação de um predicado por meio de nominalizações, e definida como a substituição de uma estrutura gramatical por outra (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MARTIN, 1993, p. 79). Heyvaert a define como *mapping of different grammatico-semantic domains onto each other* (2003, p. 93). A metáfora não afeta exclusivamente a semântica léxica, mas permeia muitos níveis da competência linguística: *metaphorical variation is lexicogrammatical rather than simply lexical* (1985, p. 342). Benveniste já chamara antes de *metamorfismo* o intercâmbio entre classes funcionais na criação de compostos (1967, p. 160-162). Com a linguística cognitiva, ficou ainda mais difusa a fronteira modular entre o gramatical e o léxico-semântico: *syntax is not independent of meaning, especially metaphorical aspects of meaning* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 138) e a metáfora penetra na morfossintaxe, como um elemento essencial para explicar a produtividade de algumas marcas funcionais por sua capacidade de invadir o espaço funcional de outras (LANGACKER 1987; 1991).<sup>9</sup>

Um caso ilustrativo é a posse: mesmo se todas as línguas tiverem marcas possessivas de elevada frequência e produtividade, a posse “literal” (*ownership*) é só um protótipo concreto entre outros do que Langacker (1987;1991: 171) chama *abstract possession*, enquanto que as marcas gramaticais de posse expressam uma grande variedade de relações de outro tipo (BATEMAM, 1990, p. 13-14; LANGACKER, 1991, p. 42; NIKIFORIDOU, 1991; HEINE,1997).

Em trabalhos anteriores sobre esta questão (PAMIES, 2001; 2004a; 2004b), tenho inventariado centenas de metáforas gramaticais em diferentes famílias de línguas, onde marcas literais de posse expressam figuradamente relações agentivas, transitivas, locativas, comitativas, benefactivas, etc., e outras nas quais, inversamente, a posse literal pode ser expressada por marcas cujo significado literal não é possessivo. Assim, a posse é realizada por estruturas literalmente dativas em: pt. *morreu-lhe a mãe; cheiram-lhe os pés; quebrou-me o jarro* (PAMIES, 2001) ou it. *le si è sposata una figlia con uno straniero* (PAMIES; NATALE, 2014). Inversamente, estruturas possessivas têm função locativa em *a minha rua* (“a rua onde eu moro”) (PAMIES, 2001).<sup>10</sup> Por outro lado, a posse figurada é expressada por formas literalmente locativas em: fr. *il pue des pieds* (\*ele fede dos pés) & est. *tal jalade haisevade* (\*sobre+ele pés cheiram) “seus pés fedem”; *Petrol suri ema ära* (\*sobre+Pedro morreu mãe) “morreu a mãe do Pedro” (*Ibid.*). Genitivos

<sup>9</sup> Halliday advertia mesmo que [...] *whereby meanings may be cross-coded, phenomena represented by categories other than those that evolved to represent them* (1985, p. xviii).

<sup>10</sup> Esp. *mi calle*; fr. *ma rue*; ing. *my street*; alm. *meine Straße*; rs. *moja ulica*, etc. Algumas línguas não permitem esta metáfora, p. ex., o vietnamita e o chinês dizem \*a rua de eu morar (vtn. *phố tôi ở* / chn. *wǒ zhù de jiē* 我住的街; PAMIES, 2004b).

como as *conquistas de Júlio César* indicam que estruturas literalmente possessivas expressam figuradamente relações agentivas entre uma ação e o seu autor.<sup>11</sup> Pelo contrário, genitivos como *o assassinato de Júlio César* implicam que formas literalmente possessivas podem ocupar figuradamente funções transitivas entre uma ação e o seu objeto direto.<sup>12</sup> A metáfora gramatical, ao permitir que uma unidade de um paradigma aproveite as faculdades semântico-combinatórias próprias de outro paradigma, aperfeiçoa a economia do sistema: p. ex. *a minha faculdade* em vez de *a faculdade onde eu trabalho*, ou *os meus artigos* em vez de *os artigos que eu escrevi*, etc. Os psicolinguistas Torr & Simpson observam que a metáfora gramatical entre ações e coisas aparece numa fase relativamente inicial na aquisição da língua materna (2003, p. 171).

Na proposta de Halliday (1985), alguns dos exemplos citados são estruturas pseudopossessivas (p. ex. *he has a broken whist*) e colocações de verbo suporte (*to have a bath; to make a mistake; to do a dance; to do a pee*).<sup>13</sup> Comparada com a estrutura verbal correspondente (*to bath, to fail, to dance*) a nominalização por metáfora gramatical conceitualiza uma ação como uma “coisa” (TAVERNIERS, 2003, p. 21-28; HEYVAERT, 2003, p. 93), que adquire assim certas características semânticas e formais, como ser contável (*tomar <dois> banhos*), admitir adjetivação (*tomar um banho bem quente*), admitir possessivos, diminutivos e complementos do nome (*ele tomou o seu banho da manhã*).<sup>14</sup> A mudança semântico-sintática produzida por metáfora gramatical não implica a perda de todas as propriedades prévias da classe verbal, à diferença da transcategorização, onde um verbo muda de classe perdendo o seu *status* original (*full nominal*) (DEREWIANKA, 2003, p. 188-190). Por exemplo, em *foi acusado de posse de objetos roubados* (nominalização por metáfora entre categorias), o nome ainda é comutável com *possuir*, mas não admite plural, comparado com *perdeu todas as suas posses* (nominalização por transcategorização) que tem todas as propriedades do nome e não comuta com um verbo. A fixação do fraseotermo *posse de objetos roubados* teria explicação desde a própria teoria gramatical. Um exemplo citado por Langacker são os gerúndios ingleses cujas nominalizações criam uma distinção semântica que o gerúndio verbal original não especificava, e que opõe uma ação particular, ancorada no tempo e no espaço, a um feito genérico e atemporal:

( $\alpha$ ) *Sam's washing of the windows*

( $\beta$ ) *Sam's washing the windows*

A mudança de categoria gramatical afeta o plano do significado, que por sua vez repercute novamente no plano do significante com novas restrições combinatórias. P. ex., só em [ $\alpha$ ] pode o gerúndio ser sujeito de um predicado (*Sam's washing of the windows was meticulous* e só em [ $\beta$ ] precisa necessariamente de um possuidor (não é possível *\*the washing the windows; \*that*

<sup>11</sup> Pt. *minha pergunta, tua ajuda*; fr. *ma question, ton aide*; ing. *my question, your help*; rs. *мой вопрос, твоя помощь*; chn. *wǒ de wéntí* 我的问题 (\*eu de pergunta), *nǐ de bāngzhù* 你的帮助 (\*você de ajuda) (PAMIES 2004b).

<sup>12</sup> Pt. *seu enterro*; fr. *son enterrement*; eng. *his burial*; rs. *ego похоны*; chn. *tā de zànglǐ* 他的葬礼 (PAMIES, 2004b).

<sup>13</sup> Os seus equivalentes portugueses têm a mesma estrutura formal e semântica (CVS), ainda que o colocativo verbal seja outro: *tomar um baño* (→ *se-banhar*), *dar uma mijada* (→ *mijar*), etc.

<sup>14</sup> “Explode” and “explosion” are not considered semantically equivalent; nominalization involves a conceptual reification with reference to the notional definitions proposed for the noun and verb classes (LANGACKER, 1991, p 22).

washing the windows) (LANGACKER, 1991, p. 32). Este *feed back* entre ambos os planos permite supor que *metáfora gramatical* e *metáfora léxica* são tipos de mudança semântica de natureza sistemática e mutuamente associados (HALLIDAY, 1985, p. 320-342; HEYVAERT, 2003, p. 67-68, 76-85). Apesar de se ter transformado em nome, o verbo metaforizado [ $\beta$ ] exige um agente (neste caso, pseudopossessivo), coisa que não acontece em [ $\alpha$ ], que seria “realmente” um nome deverbal (*full nominal*) cujo possessivo pode comutar com o artigo (HEYVAERT, p. 76-85; LANGACKER, 1991, p. 31-36).<sup>15</sup>

## 2. 1 O PSEUDO-SINTAGMA

Na minha anterior classificação das **unidades fraseológicas** (PAMIES, 2007a),<sup>16</sup> afirmava que o conceito funcionalista martiniano de “sintema” (*synthème*) é perfeitamente aplicável à locução. Este consiste numa sequência que contém vários elementos que são reconhecíveis semanticamente porque também existem como monemas autônomos, mas que formam um bloco que se comporta (semântica e sintaticamente) como se fosse um único monema (1960; 1999, p. 11-13). Mas se pensarmos na alteração da hierarquia entre a primeira e a segunda articulação sugerida por Mejri, implica, em minha opinião, a presença de um tipo particular de metáfora gramatical entre as diversas articulações, nas quais um nível superior (*sintagma*) ocupa a função de um elemento de um nível mais básico (*monema*), e por tanto, constitui só um *pseudossintagma*. Os exemplos de *sintema* citados pelo próprio Martinet eram compostos do tipo *machine-à-laver* (“máquina de lavar”) ou *bonhomme* (\*bom+homem: “fulano”), e também locuções: *avoir l’air* (\*ter o ar: “parecer”), *bon marché* (\*bom mercado: “barato”). A projeção metafórica de uma categoria complexa sobre uma categoria simples é um elemento definatório comum para os compostos e as locuções, reunidos também por Pottier no conceito de *lexie complexe* (1968, p. 55-56). Para continuar excluindo os compostos precisaríamos deixá-los com as “palavras”, uma solução muito prática para a produção lexicográfica, mas que, do ponto de vista teórico, contradiz os critérios de fixação e idiomaticidade.<sup>17</sup> Pode parecer paradoxal que unidades que “se escrevem

<sup>15</sup> Em espanhol, a equivalência mais próxima desta distinção corresponderia aos participios nominalizados. Assim, esp. **un lavado de coche** designa um fato genérico (p. ex. *con este descuento dispondrás de un lavado de coche*), enquanto esp. **el lavado del coche** expressa uma ação particular inscrita no tempo e no espaço (*me ha salido gratis el lavado del coche*), só o segundo participio pode comutar com um verbo (*me ha salido gratis que me laven el coche*) e a sua combinatória sintática com adjetivos é mais restringida do que no outro exemplo.

<sup>16</sup> Na Espanha, o termo *unidad fraseológica* é muito usado hoje como hiperônimo abrangente de todas as classes fraseológicas (p. ex. Corpas, 1996), ainda que existam também outros, como *expresión pluriverbal* (CASARES, 1950), *expresión fija* (ZULUAGA, 1980), *fraseologismo* (MELLADO, 2004) ou *frasema* (MARTÍ SÁNCHEZ, 2005). Em outras línguas, a terminologia é também instável: pt. *expressão fixa / expressão cristalizada / expressão pluriverbal / fraseologismo / fraseolexema / unidade fraseológica*; fr. *expression figée / séquence figée / phrasème / unité phraséologique*; it. *unità polirematica / espressione polirematica / espressione fissa / lessema complesso / frase fatta / frase idiomatica / unità lessicale superiore / unità fraseologica*; alm. *Phraseologismus / Phrasem / Phraseolexem / phraseologische Wortverbindung*; ing. *fixed expression / multi-word expression / set phrase / phraseme / phraseologism / phraseological unit; idiom*. O uso de *idiom* é ambivalente, por isso Dobrovolskij & Piirainen (2005, p. 29-31) propõem o uso de *phraseeme* como único hiperônimo de todas as classes, e reservam *idiom* para as locuções. Foi na Rússia que surgiu o conceito de “unidade fraseológica” (*фразеологическая единства*, Vinogradov, 1947) mas, naquela altura, esse termo designava só as locuções transparentes (nível médio de uma classificação gradual baseada na escala da idiomaticidade). Hoje também fica ambíguo por confusão com *phraseological unit*. Os hiperônimos russos mais fiáveis são rs. *фразеологизм* e *фразема*. (DOBROVOL'SKIJ; PIIRAINEN, 2005).

<sup>17</sup> Os fraseólogos estão bastante divididos nesse ponto. P. ex. García-Page (2008) e Penadés (2012) excluem os compostos da fraseologia. Zuluaga (1980, p. 143) critica Casares (1950, p. 172) por tê-los incluído nas “locuciones denominativas” (*cabello de*

numa palavra”, como *girassol*, *mandachuva*, sejam incluídas numa classe caracterizada pela *polilexicalidade*. Mas a grafia não é um argumento linguístico válido, sobretudo nesse caso onde a ortografia é ainda mais arbitrária (cf. pt. *mandachuva* vs. *guarda-chuva*; *vaga-lume* vs. *vagalume*; *pé de moleque* vs. *arco-da-velha*; esp. *campo santo* vs. *camposanto*<sup>18</sup>). A *chave inglesa* nem é “chave” nem é “inglesa”, e o *bate-papo* não é menos idiomático do que *bater o papo*. Mesmo que pareça contraditória, a inclusão dos compostos numa categoria chamada *pluriverbal* ou *multi-word*, deixa de ser um paradoxo se substituirmos o conceito de *palavra* pelo de *lexema*, e o critério da *polilexicalidade* pelo de *polilexematicidade*, que é uma condição preenchida por qualquer tipo de *composto* e de *locução* (PAMIES, 2007a). Unidades como *borra-botas*, *língua de sogra*, *cabeça de bagre*, etc. são polilexemáticas, têm fixação e idiomaticidade. Para poder excluir os compostos da fraseologia, Penadés argumenta que são *analizáveis e composicionais* (2012, p. 67-68), mas o significado de *barbazul*, *leopardo*, *peixe palhaço*, *não-me-esqueça* ou *carapau* não se deduz da soma dos seus componentes. Anscombe observa que *moulin à vent* é um moinho que utiliza o vento, mas *moulin à huile* é um moinho que produz azeite, portanto nem sequer este tipo de composto seria composicional (2011, p. 23). Os compostos alemães *Augenblick* (\*olho+olhada: “instante”) e *Hochzeit* (\*tempo+alto: “casamento”) são outros bons exemplos de idiomaticidade: *it is impossible to say: “ein Augenblick ist ein Blick”* (BURGER, 2007, p. 103-104). Čermák acrescenta contraexemplos de grafia “monolexical” mas de conteúdo polilexemático, fixado e idiomático, como o finlandês *mustasukkainen* (\*de meias pretas): “ciumento” e o tcheco *zákeřný* (\*de atrás dos arbustos): “trapaceiro” (2001, p. 155-156).

Martinet já estava identificando a base do fenômeno fraseológico ao definir o *sintema*.<sup>19</sup> Mas, posto que se trata de uma sequência fixa de vários lexemas que funcionam sintaticamente como um só, há uma categoria linguística funcionando como metáfora de outra categoria, ou seja, uma projeção metafórica entre níveis morfológicos diferentes. Nesse sentido, compostos como *arco-da-velha*, *pé de moleque*, e locuções como *passar a perna*, *comer capim pela raiz*, *dar o nó*, ou *esticar a canela*, pertencem ao mesmo tipo de metáfora gramatical: os **pseudossintagmas**.

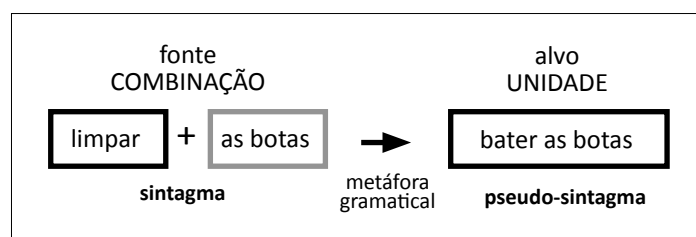


Figura 1.

*áγγελ*), e Corpas (1996) ou Bolly (2007, p. 87) excluem só os que não têm *separação gráfica*. Porém, como observam Dobrovól'skij e Piirainen (2005, p. 36), se fosse assim “a parte do leão” seria então uma locução em russo (*львиная доля*) e uma palavra em alemão (*der Löwenanteil*). Além da ciclicidade de qualquer argumento de base ortográfica, isso deixa uma metade dos compostos fora da fraseologia e a outra dentro, para não mencionar o problema da variação ortográfica e da incoerência das grafias nesse aspecto (p. ex. *peixe-gato*, *peixegato*, *peixe gato*). A teoria *Lexique-grammaire*, pelo contrário, reúne compostos e locuções numa classe única (p. ex. M. GROSS, 1988; RANCHHOD, 2003; BAPTISTA; CATALÀ 2012), só que revertendo o raciocínio: as locuções é que estão incluídas nos compostos, por isso as locuções adverbiais são chamadas *adverbes composés*, as adjetivais, *adjectifs composés*, as verbais, *prédictats composés* (o *verbes composés*), etc. Mel'čuk considera que os compostos (*fruits de mer*; *pomme de terre*) são *semi-locutions*, categoria que para ele é um tipo de *frasema* (2011, p. 47).

<sup>18</sup> Ambas as palavras significam “cemitério” e as duas grafias são aceitas pela *Real Academia Española*.

<sup>19</sup> Gledhill e Frath também têm relacionado o conceito de *sintema* com o fenômeno fraseológico: *¿pra qué teimar em criar novos termos se temos termos tradicionais com escopo similar?* (2007, p. 72).

Contudo, é óbvio que nem a *terceira articulação* nem o *sintema* representam a totalidade das unidades fraseológicas, pois o pseudossintagma só abrange as **locuções**<sup>20</sup> (*no cafunfo de Judas; estar de olho; descascar o abacaxi*), os **compostos** (*caça-dotes; lua de mel*), os **fraseo-termos**<sup>21</sup> (*imposto sobre a renda das pessoas físicas; complemento circunstancial de tempo; raiz quadrada*) e as **construções onímicadas**<sup>22</sup> (*Casa Branca, Muro das Lamentações, Pão de Açúcar, Lojas Americanas, Ministério de Negócios Estrangeiros*).

Podemos acrescentar os **verbos frasais** também chamados *verbos sintagmáticos* (CALVO, 2008), termo equivalente aos *phrasal verbs* ingleses, definidos como combinação de verbo e advérbio (ou preposição sem complemento), cujo sentido global não é composicional por ser imprevisível desde o significado dos componentes. Por exemplo, *to give up* \*dar para cima “desistir”, *to stick around* \*furar em volta “ficar por aí perto”, *to drop off* \*soltar fora “ficar dormido”). Essas construções também existem nas línguas românicas, ainda que sejam menos numerosas (IACOBINI, 2009),<sup>23</sup> especialmente em italiano, onde Calvo (2008) encontrou umas 350 unidades.<sup>24</sup> Em português seria o caso de *cair em cima, vir em cima, ir atrás, dar fora*. Por exemplo: *uma desgraça lhes caiu em cima; não é consciente do que lhe vem em cima; se uma garota te deu fora não adianta ficar forçando*. Além de idiomaticidade, há fixação, pois não se pode dizer \**é em cima deles que caiu uma desgraça*, nem \**é fora que a garota te deu*. A categoria metalinguística “verbo frasal” permite destacar uma particularidade formal dessa construção: é funcionalmente equivalente a um verbo e, além disso, se a sua preposição não se faz de preposição, é que sofre também uma metáfora gramatical

## 2. 2 OS SEMISSINTAGMAS

A “terceira articulação” não dá conta das **colocações**<sup>25</sup> (*solteiro convicto, fumante inveterado, estritamente proibido*), já que semanticamente, o *fumante inveterado* é um tipo de fumante,

<sup>20</sup> Em português rivalizam hoje os termos *locução* (Câmara Cascudo; Ranchhod, Jorge) e *expressão idiomática* (Xatara Ortiz, Tagnin; Monteiro-Plantin). Em espanhol, apesar da confusão terminológica do passado, a palavra *locución* é hoje reservada a este tipo de unidades (Casares; Zuluaga; Corpas; García-Page; Sevilla e Cantera; Penadés, Montoro), em detrimento do impreciso e antiquado *modismo* da tradição gramatical espanhola. O seu equivalente anglo-saxão é *idiom* (Chafe, Weinreich; Moon, Čermák) mesmo que este seja usado às vezes como hiperônimo, abrangendo outras classes (ver Dobrovolskij e Piirainen, 2005, p. 30). Em alemão, os termos tradicionais são *Redensarten* e *Redewendungen*, enquanto, em russo, rivalizam *идиоматические выражения* (“expressões idiomáticas”) e *идиомы* (<do inglês *idiom*). Em francês, hoje predomina entre os especialistas o termo *locution* (Martin, G. Gross; Mejri, Mel'čuk), deixando antiquado o tradicional *idiotisme* e até mesmo *expression idiomatique*. Em italiano, concorrem entre si *espressione idiomática, locuzione e locuzione idiomática* (Quiroga, Francesconi), ainda que os lexicógrafos ainda usam muito o tradicional *modi di dire*.

<sup>21</sup> Zuluaga (1980), do alemão *phraseologische Termini* (p. ex. Burger, 1998, p. 49).

<sup>22</sup> Zuluaga (1980), do alemão *onymische Phraseologismen* (p. ex. Burger, 1998, p. 49).

<sup>23</sup> Porque muitas preposições e conjunções indo-europeias se tornaram prefixos em latim ao se fundir com um verbo (*ex, in, pro, cum*) (IACOBINI, 2009). Funcionalmente, esse tipo de pseudossintagma se pode considerar como uma subclasse dentro das *locuções verbais*.

<sup>24</sup> P. ex., *andare giù, andare oltre, andare su, buttare giù, buttare via, darci dentro, dare indietro, dare via, dormirci sopra, fare fuori, farsela addosso, farsela sotto, farsi avanti, volere bene*, etc. (CALVO, 2008) Também há exemplos em espanhol (*llevar encima, llevar dentro, andar detrás, ir detrás, caer encima, venirse encima, venir bien*), ou em francês (*courir après; rentrer dedans, tomber dessus; taper dessus*).

<sup>25</sup> ing. /fr. *collocations*; alm. *Kollokationen*; it. *collocazioni*. rs. *коллокация*. Vinogradov (1947) as chamara inicialmente “combinações fraseológicas” (*фразеологические сочетания*). A escola britânica, porém, pode usar também esse termo como hiperônimo de todas as coocorrências léxicas mais frequentes do que corresponderia à normalidade estática (DUBREIL, 2008, p. 9-15). Para sua descrição detalhada, veja-se Sinclair (1966, 1991); Hausmann (1989); Koike (2001); Tutin e Grossmann (2002); Alonso (2003); Gledhill e Frath (2007); Dubreil (2008); Mellado (2008) e Mel'čuk (1998, 2003, 2011).



e a expressão constitui, portanto, um “verdadeiro” sintagma com seu núcleo- e seu complemento (cf. HAUSMANN, 1997b). Em decorrência disso, alguns especialistas excluíram as colocações da fraseologia: García-Page (2008), Penadés (2012), porque limitam a fraseologia às locuções, ou Mejri (2011, p. 69) porque sua formulação da “terceira articulação” (cf. *supra*) não é compatível com a colocação; e Zuluaga as situa na *intersección* ou *transición* entre o sintagma livre e a locução (1980, p. 100; 2002, p. 69).<sup>26</sup>

Mas essa exclusão cria mais problemas do que resolve, porque anularia a validade do critério de fixação que essas preenchem, e que é condição definidora, necessária e suficiente, do próprio conceito de fraseologia. Na sintaxe livre, o verbo seleciona os seus argumentos (p. ex. beber precisa de sujeito [+animado] e objeto [+líquido]), o que não acontece em *proferir uma palestra*, onde é o verbo, esse e não outro,<sup>27</sup> o que tem sido selecionado lexicalmente pelo nome (M. GROSS, 1981), por causa de uma *função léxica* (MEL'ČUK, 1998, 2003, 2011; ALONSO, 1994-95, p. 25-26).

Também as CVS têm sido consideradas na *fronteira da sintaxe livre* (p. ex. MENDÍVIL, 1999). Ao contrário, Mel'čuk, Clas e Polguère (1995) as consideram unidades fixas e não composicionais, por serem combinações de dois lexemas, A e B, onde A não é selecionado com independência de B (2011, p. 42-43), cumprindo uma *função lexical* como nas colocações (neste caso [Oper]). A defectividade combinatória das CVS afeta o eixo paradigmático (esp. *dar miedo* → *\*dar temor*; *hacer daño* → *\*hacer dolor*) e também o sintagmático (esp. *Juan hizo el idiota* → *\*el idiota que hizo Juan*). Aliás, a *restrição seletional* do verbo muda curiosamente de uma língua a outra (pt. *dar um passeio* = fr. *faire un tour* = ing. *to take a walk*). A dependência lexical se acrescenta à dependência gramatical, e ambas governam a relação entre os componentes de forma completamente assimétrica (HAUSMANN, 1989; TUTIN; GROSSMANN 2002, p. 10). Os caprichos da equivalência interlinguística confirmam a fixação e idiomatismo das colocações: assim o *fumante inveterado* muda de adjetivo em cada língua: esp. *fumador empedernido* (*\*fumante empedernido*), fr. *fumeur acharné* (*\*fumante encarniado*), ing. *heavy smoker* (*\*fumante pesado*), it. *fumatore accanito* (*\*fumante teimoso*); alm. *Kettenraucher* (*\*fumante alge-mado*), rs. *zakorenelyй курильщик* (*\*fumante enraizado*).

Entre as colocações, se encontram também as **construções de verbo-suporte (CVS)**,<sup>28</sup> nas quais um nome funciona como predicado, graças à sua associação com um verbo de significado

<sup>26</sup> Porém, a maioria dos especialistas incluem as colocações na fraseologia, mesmo que nem sempre seja com esse nome (BALLY, 1909; VINOGRADOV, 1947; SINCLAIR, 1966; HAUSMANN 1989, 1997, 1997b; M. GROSS, 1982; BURIDANT, 1989; HEID, 1992; MARTÍNEZ MARÍN, 1996; DUPUY-ENGELHARDT, 1996; CORPAS, 1996; ČERMÁK, 1998, 2001; MOON, 1998; MEL'ČUK, 1998, 2003; BURGER, 1998; NAVARRO, 1999; TUTIN e GROSSMANN, 2002; GONZÁLEZ REY, 2002; SVENSSON, 2004; MARTÍ SÁNCHEZ, 2005; FRATH e GLEDHILL, 2005; TAGNIN, 2005; LARRETA, 2006; MELLADO, 2008; WOTJAK, 2008; DOBROVOL'SKIJ, 2012). Mellado as considera fraseologismos, mesmo que com certa precaução (2008, p. 9). Para Dubreil, a razão desta relativa “indefinição” é que a não obrigatoriedade das colocações implica um duplo *status*, linguístico e discursivo ao mesmo tempo: *d'un point de vue qualitatif, les collocations appartiennent bien au système de la langue, en tant que groupements usuels, syntaxiquement et sémantiquement contraints, mais leur développement change avec l'usage* (2008, p. 5).

<sup>27</sup> Em espanhol o verbo *proferir* não aparece com *conferência*, mas com *insultos* e *ameaças*.

<sup>28</sup> Do francês *constructions à verbe-support*, correspondente ao alemão *Funktionsverbgefüge* e ao inglês *Light verb constructions*. Em russo a denominação tradicional *устойчивые глагольные словосочетания* (“combinações verbais estáveis”) rivaliza hoje com *глагольные коллокации* (“colocações verbais”). Para mais detalhes sobre a sua definição e descrição, veja-se Labelle, 1974; M. Gross, 1981; Giry-Schneider, 1987; Bresson, 1989; Ranchhod, 1990; Heid, 1992; Mel'čuk, 1995, 1998, 2003; Nuccorini, 2000; Blanco, 2000; Alonso, 2003, 2004; Bardoš, 2004; Skorepova, 2008; Francesconi, 2008; Davel, 2009; Buckingham, 2009, 2012; Pamies, Pazos e Guirao, 2013.

muito geral: *dar um passeio, ter fome, fazer barulho*. O verbo *dar* não é substituível por *regalar* em *dar um beijo, dar um passeio*, etc. A fixação e idiomaticidade das CVS também se manifesta melhor quando comparamos línguas: *prestar atenção* se diz em ing. *to pay attention* (\*pagar atenção), *Aufmerksamkeit schenken* (\*dar atenção); rs. *обращать внимание* (\*dirigir atenção), fr. *faire attention* (\*fazer atenção). As CVS se distinguem das locuções verbais porque nas primeiras só o verbo é figurado (pt. *dar um pulo*; esp. *dar pena*) enquanto que na locução verbal o sentido figurado pertence ao conjunto, não aos componentes (pt. *dar bolo*; esp. *dar de mano*).

O conceito de metáfora gramatical também confirma o caráter fraseológico das colocações. Apesar de conter dois componentes, sua idiomaticidade se opõe à composicionalidade dos sintagmas livres (a *atenção* não se “presta” nem se “paga”). Além disso, a sua fixação acarreta uma **metaforicidade entre formas**, paralela à metaforicidade entre conteúdos: se *fumante inveterado* e *chuva torrencial* fossem realmente sintagmas nominais, o adjetivo admitiria um advérbio de quantidade e um sufixo de gradação, mas não se diz *fumante \*muito inveterado*, nem *chuva \*torrencialíssima*, portanto o adjetivo não é “literalmente” um adjetivo. Se *dar um passeio* ou *alimentar esperanças* fossem realmente sintagmas verbais, o verbo selecionaria o complemento, mas o que se produz aqui é o contrário: *dar* é selecionado por *passeio*, e perde o objeto indireto que deveria ter na sintaxe livre. O verbo também não tem sua função “literal” e a combinação só é parcialmente composicional: pelo menos um dos seus membros tem muito limitada a capacidade combinatória correspondente à sua categoria sintática. Neste sentido, o componente metaforizado faz-se de morfema do outro: ***dar um passeio*** equivale a *passear* e o ***fumante inveterado*** equivale a um inexistente (e por isso ainda mais necessário) *\*fumante [íssimo]*.

Como Mel’čuk afirma que as colocações são *semifrasemas* (2003, p. 24-25), por complementaridade, podem ser chamados **semisintagmas**, porque só um dos seus membros foi objeto de uma metáfora gramatical, enquanto o outro conserva sua categoria e funções originais.

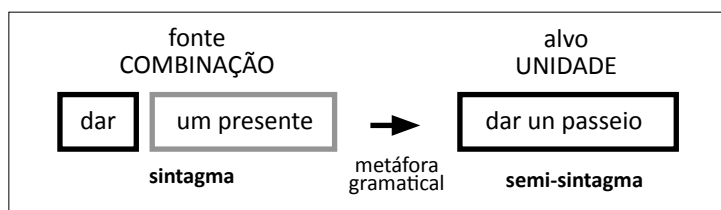


Figura 2.

## 2. 3 A IMBRICAÇÃO RECURSIVA

Um problema particular de delimitação é causado pelas chamadas *colocaciones en cadena* (CORPAS, 1996, p. 119), motivo de polémica pela dificuldade de decidir se são locuções verbais, ou verbos seguidos de locuções adverbiais, como *falar pelos cotovelos* (BAPTISTA; CATALÀ, 2012). Mogorrón as considera como um lexema verbal unido frequentemente a uma locução adverbial (2011, p. 220), Zuluaga (1980) trata-as como uma subclasse dentro das locuções (*locuciones mixtas*) e GARCÍA-PAGE (2011b) e Koike (2012) consideram-nas como uma subclasse dentro das colocações (*colocaciones complejas*). Este dilema poderia se evitar considerando que

um frasema pode incluir outro frasema, quer de outra classe, quer da mesma. É outra consequência da metáfora gramatical: dois frasemas podem funcionar como um só. A metáfora gramatical entre níveis explica o paradoxo de que uma sequência definida como não composicional possa conter outra, porque permite às formas intercambiar suas funções e níveis morfossintáticos: uma locução adverbial (p. ex., *pelos cotovelos*) pode fazer de colocativo intensificador de um verbo (p. ex. *falar*). Por isso Gaston Gross analisa *histoire à dormir debout* como *colocação que contém um adjetivo composto*, que na sua terminologia equivale a “locução adjetiva” (1996, p. 71). Entendendo a imbricação como um fenômeno dinâmico e transversal a todas as categorias fraseológicas, não há necessidade de classes metalinguísticas *mistas* ou *intermediárias*.

Essa recursividade permite mesmo imbricações de mais de dois níveis, como esp. *hijo de puta com toda la cuerda dada* (\*filho da puta com toda a corda dada), colocação cuja base é uma locução (*hijo de puta*) e cujo colocativo é também uma locução com função léxica intensificadora (*con toda la cuerda dada*) que, por sua vez, inclui outra locução *dar cuerda* (metáfora aplicada normalmente a relógios e brinquedos mecânicos). Uma locução como o *outro mundo* (“o que acontece à alma depois da morte”) se integra em outra maior, *coisa do outro mundo* (“extraordinário”), que por sua vez faz parte de uma colocação com a forma negativa do verbo *ser* (*não ser coisa do outro mundo* “não ser algo extraordinário”). Esse mecanismo é transversal a todas as subclasses fraseológicas. Pode afetar unidades ainda maiores, como os provérbios, assim *grão a grão enche a galinha o papo* inclui a locução adverbial *grão a grão* e a locução verbal *encher o papo*.

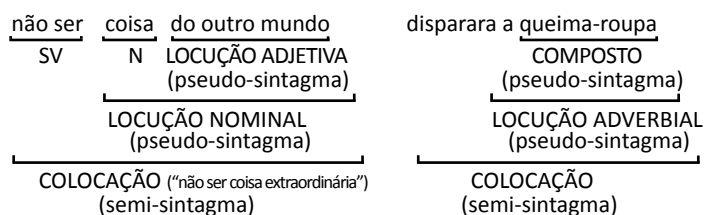


Figura 3.

Um problema semelhante aparece com as **comparações estereotipadas**,<sup>29</sup> consideradas como *locuções* por Corpas (1996, p. 97-98), Mogorrón (2002, p. 39-43), G. Gross (1996) e Ranchhod (2003),<sup>30</sup> enquanto outros autores as classificam como *colocações* (KOIKE, 2001, p. 57; LUQUE DURÁN, 2005; PAMIES 2007a)<sup>31</sup> ou, também, como nenhuma das duas classes (DOBROVOL'SKIJ; PIIRAINEN, 2005, p. 44). Todas essas opções não são necessariamente

<sup>29</sup> A terminologia é também muito variável para este tipo de sequências: *expressões idiomáticas de matriz comparativa* (XATARA, 1997), *komparative Phraseologismen* (BURGER, 1998), *séquences intensives stéréotypées* (SZENDE, 1999), *similes* (DOBROVOL'SKIJ & PIIRAINEN, 2005), *frases elativas* (ZULUAGA, 1980), *comparativas de intensidad* (GARCÍA-PAGE, 2008b), *comparaciones proverbiales* (LUQUE NADAL, 2005), *colocaciones de cuantificación por comparación* (LUQUE DURÁN, 2005), *comparatives à parangon* (ANSCOMBRE, 2011). Para sua descrição mais detalhada cf. Xatara (1997); Luque Durán (2005); Pamies (2005) ou García-Page (2008a, 2008b).

<sup>30</sup> Na teoria *Lexique Grammaire*, os termos *adverbe composé* (Gross), *advérbio composto* / *frozen adverb* (Ranchhod), equivalem ao termo tradicional *locução adverbial*.

<sup>31</sup> Num trabalho anterior (PAMIES, 2005), as situei numa posição intermediária entre a locução e a colocação na escala gradual da idiomaticidade, mas como a minha taxonomia geral de todos os frasemas é discreta (PAMIES, 2007a), juntam-se com as colocações e as CVS na classe dos semissintagmas.

incompatíveis, posto que uma colocação pode conter uma locução como sua componente. Expressões como pt. *mais alegre do que divorciado no carnaval* (CASCUDO, 1970) ou como chn. *liǎn hóng de xiàng hóu pì gu* (\*vermelho como bunda de macaco) (脸红得像猴屁股) (JIA, 2012) são analisáveis, pois têm três partes (o comparado, o comparando e o nexos comparativo). Essa relativa composicionalidade levou mesmo alguns especialistas a excluir essas formas do âmbito fraseológico.<sup>32</sup> Mas é a metáfora gramatical o que as opõe às comparativas “normais”. Como observa GARCÍA-PAGE (2008a, p. 345-346; 2008b, p. 145), uma genuína comparativa de igualdade permite a inversão dos seus termos, enquanto o estereótipo não permite. A proposição *o Luiz é alto como o João* implica que *o João é alto como o Luiz*, mas *o Luiz bebe como um gambá* não implica que *\*um gambá bebe como o Luiz*.

Além de sua frequente idiomaticidade (*ser mais feia do que bater em mãe*), mesmo se o comparando for literal (*mais preto do que carvão*) o seu nexos comparativo é sempre figurado, ficando como marcador mínimo da hipérbole: um rosto *mais branco do que a neve* é sem dúvida muito pálido, mas não tanto. Essa expressão não compara, quantifica (LÓPEZ GARCÍA, 1983; LUQUE DURÁN, 2005). Essa estrutura é uma metáfora gramatical pela qual uma estrutura formalmente comparativa realiza uma função quantificadora, o complemento *pseudo-comparativo* que faz de colocativo intensificador dentro de uma colocação maior *beber (como um gambá)*, *bêbado (como um cacho de uvas)* = *beber* + “muito”<sup>33</sup>. Neste sentido, o comparando também equivale funcionalmente a um morfema derivativo de gradação: *\*bêbad[íssimo]*, ou seja, como nas colocações, das quais se distingue só pela natureza “internamente fraseológica” do componente colocativo.

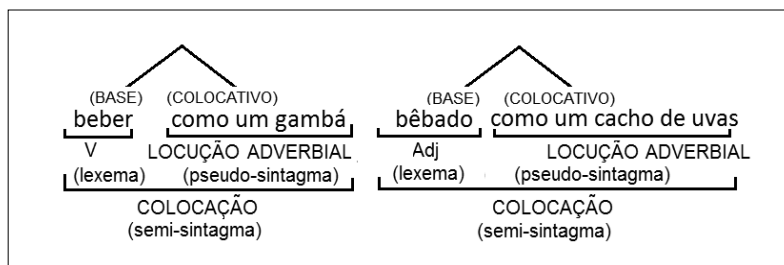


Figura 4

A capacidade de imbricação dos frasemas também explica as sequências em que um elemento livre interage com uma estrutura fraseológica, como nas mal chamadas **locuções com caixinhas vazias**,<sup>34</sup> que alguns especialistas consideram como *híbridos* ou *intermediários* entre a fraseologia e a sintaxe livre. Por exemplo *não serei [eu] a dizer o contrário!*; *a companhia tem até [janeiro] para [terminar a construção da ponte]*. As unidades fraseológicas, assim como os

<sup>32</sup> Veja-se Penadés (2012, p. 193-195). Dobrovolskij e Piirainen (2005, p. 45-46) as excluem das locuções (*they are not irregular enough*), mas as incluem nos frasemas (*their conventional nature is based on factors of stability*).

<sup>33</sup> Veja-se Tchobanova (2001).

<sup>34</sup> Alm. *Phraseologismen mit ausfüllbaren Leerstellen*; fr. *locutions à cases vides*, ing. *open-slot idioms*. Veja-se Zuluaga (1980), Álvarez de la Granja (2005), Montoro (2011) e Martí Solano (2013).

lexemas, têm sua regência valencial, podem exigir um argumento. Em *X toma Z por idiota*, o fraseologismo é a locução verbal *tomar por idiota*, enquanto *Z* é o complemento direto exigido por ela, igual que *X* é seu sujeito. *Ter até [X] para [Z]* é locução descontínua, e não tem “caixinhas vazias”, só argumentos, que, mesmo interrompendo, ficam de fora. Quase todos os frasesmas podem ser descontínuos sem por isso incorporar o elemento “interruptor” (LAPORTE, 1988, p. 123; SVENSSON, 2004, p. 135; MEL’ČUK, 2011, p. 50), como neste provérbio: *quem semeia vento <diz a razão> colhe sempre tempestade* (Tom Jobim: *Insensatez*). Igualmente, no já citado *grão a grão enche a galinha o papo*, a locução *encher o papo* está interrompida por *a galinha*, sem que o argumento sujeito faça parte do frasema. Nos exemplos como *bang the <human rights> drum*, ou *turn back the <moral> clock* (MARTÍ SOLANO, 2013, p. 174-178), há simplesmente instâncias de “desautomatização” (*défigement*), e exemplos como *once a shit always a shit* são criações ocasionais que contêm uma analogia formal com parêmiás anteriores, e que, em caso de se convencionalizarem, seriam novas parêmiás, que aproveitam uma estrutura tipicamente proverbial. Senão os milhares de provérbios do tipo *quem cala consente / quem compra barato compra duas vezes* seriam realizações de um único “open slot proverb” [*quem SV1 SV2*]. Como nada impede que um frasema tenha a mesma estrutura do que outro, não parece razoável nem necessário descrever todas as parêmiás que têm a mesma estrutura sintática (p. ex. [*once N always N*]) como realizações de um frasema único “com caixinhas vazias”. Esse exemplo está mais próximo das paródias que Mieder (2004) chamou *antiproverbs*.

## 2. 4 AS SEQUÊNCIAS PSEUDO-DISCURSIVAS

A terceira e última macrocategoria fraseológica é conformada pelos **enunciados fixos**, também chamados **enunciados fraseológicos**,<sup>35</sup> que abrangem muitas classes como:

-as **fórmulas ritualizadas**: (CORPAS, 1996, p. 132)<sup>36</sup> pt. *you diz isso a todas; meus mais sinceros pêsames; pelo amor de Deus!*;

-as **fórmulas discursivas**: (ALVARADO, 2010)<sup>37</sup> pt. *no pior dos casos, além de tudo, pelo contrário*;

<sup>35</sup> Cf. Zuluaga (1980); Corpas (1996); Ruiz Gurillo (1998).

<sup>36</sup> Para García-Page (2008) são *locuciones oracionales*, Dobrovolskij e Piirainen também falam de *sentence idioms* (2005, p. 50), mas Corpas (1996) observa, com razão, que além de sintaticamente completas, são pragmaticamente autônomas, por isso não podem ser locuções. Corpas as define como *fórmulas de interacción social habituales estereotipadas que cumplen funciones específicas en situaciones predecibles, rutinarias y hasta cierto punto ritualizadas* (1996, p. 171). Também são chamadas *espressioni cristallizzate formulari* (VOGHERA, 1994); *pragmatèmes* (MEL’ČUK, 1998, 2011; BLANCO, 2010; MEJRI, 2012; MONTEIRO-PLANTIN, 2012), *Routinenformeln* (BURGER, 1998, p. 55), *lexies formulaires* (PELLEN, 2001, p. 624), *routines conversationnelles* (KLEIN e LAMIROY, 2011), *fórmulas situacionais* (TAGNIN, 2005), *situational clichés* (DOBROVOL'SKIJ, 2012) ou *situation bound expressions* (PAWLEY, 2007). Para uma descrição detalhada, veja-se também Baranov e Dobrovolskij (2008) e Alvarado (2010).

<sup>37</sup> Servem para estruturar o discurso, explicitando as conexões lógicas entre suas partes, função similar à que têm as conjunções no interior da oração (MARTÍ SÁNCHEZ, 2013). Também são chamadas *locuciones marcadoras* (RUIZ GURILLO, 2005; MONTORO, 2006), *marcadores discursivos*, *marcadores pragmáticos*, *partículas discursivas* (BRIZ, 1998, 2008), *marcadores conversacionais* (TAGNIN, 2005), *kommunikative Phraseologismen* (BURGER, 1998). Existe uma polêmica entre os gramáticos sobre sua oposição às locuções conjuntivas. A diferença está na tonicidade, na relativa autonomia sintática e, sobretudo, na natureza pragmática dos conectores discursivos, critérios opostos à atonicidade, à indispensável inserção na frase e à natureza gramatical das locuções conjuntivas (MARTÍ SÁNCHEZ, 2013).

-as **parêmias**<sup>38</sup>: Não todos os autores aceitam as parêmias no âmbito da fraseologia, p. ex., são excluídas por Ruiz Gurillo (1998) e García Page (2008), mas são incluídas por Casares (1950), Zuluaga (1980), Sevilla (1993), Corpas (1996), Mejri (1997), Burger (1998) ou Dobrovol'skij e Piirainen (2005). São subdivisíveis por sua vez em pelo menos duas subcategorias: os **provérbios** (pt. *o escasso cuida que poupa um e gasta quatro*) e as **máximas** (pt. *na escola da vida não existem férias* [Machado de Assis]).<sup>39</sup>

-as **frases proverbiais**: (CASARES, 1950, p. 185) pt. *tem caroco no angu*;<sup>40</sup>

-as **citações não sentenciosas**:<sup>41</sup> pt. *A sorte está lançada; vim, vi, venci*;

-o **lema**: pt. *Ordem e progresso*;

-o **slogan político**: (pt. *A esperança vai vencer o medo*; esp. *¡No pasarán!*; ing. *Yes we can!*);

-o **slogan publicitário**: (SILVA, 2013) (pt. *A pressa é inimiga da Bohemia*; esp. *El algodón no engaña*).

Todos esses frasemas têm um ponto em comum: uma metáfora gramatical pela qual uma categoria está a ocupar a função de outra, pois a função de um ato de fala completo é realizada por um elemento do sistema da língua. Os frasemas “especializados” para se usarem globalmente em determinadas situações constituem “pseudoatos de fala” cuja forma literal é a de uma frase, às vezes formalmente incompleta mas pragmaticamente autônoma (*por cima do meu cadáver!*). São *sequências pseudodiscursivas* porque estão disponíveis como peças inteiras no sistema apesar de serem atos de fala, funcionam figurativamente **como se fossem** “verdadeiras” enunciações do locutor (p. ex., *nem pensar! ou nem morto!*). Além de sua idiomaticidade, às vezes opaca para muitos falantes (*Inês é morta!*), a sua decodificação requer inicialmente detectar que contêm um intercâmbio formal e funcional entre unidades linguísticas armazenadas no léxico mental e o discurso propriamente dito, que seria criação *ad hoc* de combinações escolhidas pelo falante dentro dos limites das regras gramaticais gerais.

<sup>38</sup> Em geral, a taxonomia desta classe é muito variável e a sua terminologia é ainda um pouco confusa. Por exemplo, em português fala-se de *provérbios, adágios, sentenças, ditados, anexins, rifões, aforismos, frases proverbiais, parêmias*, e nem sempre esses nomes estão a designar a mesma coisa.

<sup>39</sup> As parêmias se distinguem de outros enunciados fraseológicos por terem *the illocutionary force of recommendation* (DOBROVOL'SKIJ e PIIRAINEN, 2005). Essas frases breves pré-fabricadas têm autonomia sintática e pragmática, e são “sentenciosas” porque apresentam uma *verdade geral* (SEVILLA, 1993). Os provérbios são anônimos enquanto as máximas são de autor conhecido (SEVILLA, 1993). Não faço, porém, distinção entre o que esta autora chama de *provérbio* e o que chama de *refrán*, porque os argumentos com que sustenta essa oposição não pertencem ao plano sincrônico, e porque essa terminologia não se pode contrastar bem com outras línguas, onde os termos ing. *proverb*, rs. *пословица*, alm. *Sprichwort*, etc., abrangem geralmente todas as parêmias anônimas.

<sup>40</sup> A diferença com respeito ao provérbio está na ausência de caráter sentencioso na frase proverbial, que faz necessário um contexto. Refere-se a feitos particulares, e não a uma verdade apresentada como universal e atemporal (CASARES, 1950, p. 194).

<sup>41</sup> As citações textuais de conhecimento público são tradicionalmente chamadas em russo “palavras aladas” (*крылатые слова*) (p. ex., Mokienko, 1980; Baránov e Dobrovol'skij, 2008), nome que passou ao alemão como *geflügelte Worte* “palavras voantes” (p. ex., Burger, 1998, p. 49), mas esse termo é ambíguo porque alguns autores incluem nele as *máximas*. Algumas viram internacionalmente famosas e passam a muitas línguas (*alea jacta est!; veni, vidi, vici!; e pur si move! my kingdom for a horse!*), outras ficam como frasemas só na sua língua de origem, mesmo que venham de uma obra traduzida a muitas outras (esp. *con la iglesia hemos topado*: Cervantes; fr. *revenons à nos moutons*: Rabelais). Se distinguem das citações não fraseológicas porque essas precisam mencionar explicitamente o nome do autor (*a nação portuguesa andou devastando não só as terras de África e Ásia, como disse Camões, mas igualmente as do nosso país*: Lúcia Lippi Oliveira: *Nós e eles*, Rio de Janeiro: F. G. V. 1980).

### 3 CONCLUSÕES

**3. 1** Ninguém duvida do caráter gradual da fixação e da idiomaticidade, assinalados desde o início da teoria fraseológica,<sup>42</sup> mas a existência de zonas intermédias e até de um *continuum* no objeto estudado não anula necessariamente as vantagens metodológicas de usar categorias metalinguísticas discretas para a sua análise (cf. ZULUAGA, 2000; LAMIROY, 2003, p. 54).

**3. 2** A classificação apresentada aqui tenta aproveitar essas vantagens sem questionar a gradualidade dos critérios tradicionais (PAMIES, 2007a), unificados entre si pelos conceitos de *metáfora gramatical* e o princípio de *imbricação recursiva*. Ambos são aplicáveis a todas as subclasses, justificando melhor seus limites internos e, ao mesmo tempo, reforçando a fronteira metalinguística da fraseologia com a sintaxe livre, que estaria no grau mínimo da fixação: *tout groupe dont les éléments ne sont pas actualisés individuellement* (G. GROSS, 1996).<sup>43</sup>

**3. 3** Às três macrocategorias fraseológicas, correspondem três tipos de metáfora gramatical. No nível mais básico estão os *pseudossintagmas*, onde um sintagma se faz de lexema (locuções, compostos, etc.). No nível médio estão os *semissintagmas*, onde um dos dois lexemas associados se faz de morfema do outro, com um significado e uma função diferentes dos que lhe corresponderiam como palavra numa combinação livre (colocações, CVS, etc.). No nível superior estão as *sequências pseudodiscursivas*, nas quais unidades do sistema se fazem de ato de fala (fórmulas, provérbios, etc.). Não é preciso acrescentar outras categorias intermediárias se essas se poderem explicar como inserções de um frasema dentro de outro por imbricação recursiva.

**3. 4** A existência de metáforas entre funções (*metáfora gramatical*) compensa o feito de que a metáfora “semântica” seja só um traço facultativo e potencial (*idiomaticidade*), pois, mesmo os frasemas não idiomáticos, contêm um intercâmbio funcional atribuível a uma metáfora gramatical. Do mesmo modo que, semanticamente, a fraseologia se insere no fenômeno mais largo e geral da polissemia e da figuratividade, formalmente, ela se insere na metáfora gramatical, que é também um fenômeno mais geral compartilhado pela morfossintaxe.

FONTE	ALVO	METÁFORA GRAMATICAL	UNIDADE FRASEOLÓGICA	
SINTAGMA	LEXEMA	PSEUDOSSINTAGMA	locução	<i>Comer capim pelo raiz; estar duro; contar com o ovo no cu da galinha</i>
			composto	<i>passatempo; mãe-de-santo; pé de moleque; vaga-lume; lua de mel</i>
			construção onímica	<i>Pão de Açúcar; Central do Brasil</i>
			fraseotermo	<i>Imposto sobre a renda das pessoas físicas</i>
			verbo frasal	<i>Vir em cima; dar fora</i>

<sup>42</sup> Cf. Bally (1909), Vinogradov (1947), Gréciano (1982), M. Gross (1988), Corpas (1996), Mejri (2001), Lamiroy (2003).

<sup>43</sup> Curiosamente, salvo em poucos casos pontuais, as três macrocategorias baseadas no critério sintático-semântico da metáfora gramatical, coincidem em boa medida com a classificação em três esferas proposta por Corpas (1996), cuja base era essencialmente pragmática. Isso pode ser um indício que reforça a justificativa da base ternária da taxonomia fraseológica.

SINTAGMA	LEXEMA +MORFEMA	SEMISSINTAGMA	colocação	<i>Fumante inveterado; prestar atenção</i>
			construção de verbo-suporte	<i>Dar medo; ter fome; dar um passeio; pegar o ônibus</i>
			comparação estereotipada	<i>Beber como um gambá; mais feio do que bater em mãe</i>
UNIDADE DO SISTEMA	ATO DE FALA COMPLETO	SEQUÊNCIA PSEUDODISCURSIVA	fórmula ritualizada	<i>Pelo amor de Deus!; você diz isso a todas!; Inês é morta!</i>
			fórmula discursiva	<i>No pior dos casos; além de tudo; dito de outra forma; pelo contrário</i>
			provérbio	<i>O escasso cuida que poupa um e gasta quatro</i>
			máxima	<i>É fraqueza entre ovelhas ser leão (Camões)</i>
			frase proverbial	<i>Tem caroço no angu; o Diabo os fez o Diabo os juntou</i>
			citação não sentenciosa	<i>Bahia, terra da felicidade (Ary Barroso).</i>
			lema	<i>Ordem e progresso</i>
			slogan	<i>A esperança vai vencer o medo</i>

#### 4 REFERÊNCIAS

ALONSO RAMOS, M. Hacia una definición del concepto de colocación: de J. R. Firth a I. A. Mel'čuk. *Revista de Lexicografía*, v. 1, p. 9-28. 1994-1995.

ALONSO RAMOS, M. La nature des collocations: leur statut en tant qu'unités lexicales. GROSSMANN; TUTIN (ed.). *Les collocations, analyse et traitement*. Amsterdam: De Werelt, 2003. p. 45-60.

ALONSO RAMOS, M. *Las construcciones con verbo de apoyo*. Madrid: Visor, 2004.

ALVARADO ORTEGA, M. B. *Las fórmulas rutinarias del español: teoría y aplicaciones*. Frankfurt: Peter Lang, 2010.

ÁLVAREZ DE LA GRANJA, M. Proposta de clasificación semántico-funcional das unidades fraseológicas galegas. *Cadernos de Fraseoloxía. Galega*, v. 4, p. 9-34, 2005.

ANSCOMBRE, J. C. Figement, idiomaticité et matrices lexicales. ANSCOMBRE, J. C. & MEJRI, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011, p. 17- 40.

APRESIAN, Y. D. *Лексическая семантика*. Москва: Наука, 1974.

BALLY, C. *Précis de stylistique: esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne*. Genève: Eggimann, 1905.

BALLY, Ch. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1909.

BAPTISTA, J.; CATALÁ, D. What glues idioms together may not be just statistics after all? the case for compound adverbs in Portuguese and Spanish. In: PAMIES, A.; PAZOS, J. M.; LUQUE NADAL, L. (ed.). *Phraseology and Discourse: Cross-Linguistic and Corpus-based Approaches*. Baltmannsweiler: Schneider, 2012. p. 19-30.



- BARANOV, A.; DOBROVOL'SKIJ, D. Идиоматичность и идиомы, *Вопросы языкознания*, v. 5, p. 51-64. (traducción española Idiomaticidad e idiomatismos).
- LUQUE, J. D. D.; PAMIES, A. (ed.). *Léxico y fraseología*. Granada: Método, [1998]: p. 19-42), 1996.
- BARANOV, A.; DOBROVOL'SKIJ, D. *Аспекты Теории Фразеологии*. Москва: Языки славянской культуры [trad. galega *Aspectos teóricos da fraseoloxía*, Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro / Xunta de Galicia], 2008 [2009].
- BARDOŠ, L. Observaciones sobre las llamadas colocaciones. *Sborník Prací Filozofické Brněnské Univerzity*, L/25, 2004.
- BATEMAN, J. A. Finding translation equivalents: an application of grammatical metaphor. *COLING-90: Papers presented to the 13th International Conference on Computational Linguistics*. Helsinki: Yliopistopaino. v. 3, p. 13-18, 1990.
- BENVENISTE, E. Fondements syntaxiques de la composition nominale. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1967. p.145-176.
- BLANCO ESCODA, X. Verbos soporte y clases de predicado en español. *Lingüística Española Actual*, v. 22, n. 1, 2000.
- BLANCO ESCODA, X. Los frasemas composicionales pragmáticos. MEJRI, S.; MOGORRÓN, P. (ed.). Opacidad, idiomatichidad, traducción. Alicante: Universidad, 2010. p.15-28. (Encuentros mediterráneos, 3).
- BOLLY, C. Essai de définition critériologique des séquences verbales figées, pour une étude sur corpus du figement en français contemporain. In : HÄCKI-BUHOFFER, A.; BURGER, H. (ed.). *Phraseology in Motion*. Baltmannsweiler: Schneider, 2006, p. 85-94. v. 2.
- BOSQUE, I. Más allá de la lexicalización. *Boletín de la Real Academia Española*, v. 62. p. 103-158, 1982.
- BOSQUE, I. Sobre el concepto de 'colocación' y sus límites. *Lingüística Española de Actualidad*, v. 23, p. 9-39, 2001.
- BOSQUE I. *Redes, diccionario combinatorio del español contemporáneo*, Madrid: Ediciones SM, 2004.
- BOSQUE, I. La direccionalidad en los diccionarios combinatorios y el problema de la selección léxica, *Lingüística teórica: análisis i perspectives*, Barcelona, v. 1, p. 13-58, 2005.
- BRESSON, D. La distribution du sens dans les locutions à verbes support. *Travaux de Linguistique 7* (La signification), p. 57-72, 1989.
- BRIZ GÓMEZ, A. *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatogramática*. Barcelona: Ariel, 1998.
- BRIZ GÓMEZ, A. (dir.). Diccionario de partículas discursivas del español. AZORÍN, D. (ed.). *El diccionario como puente entre las lenguas y culturas del mundo*. Alicante: Biblioteca Virtual Cervantes, 2008, p. 217-227. Disponible em: <<http://www.cervantesvirtual.com/descargaPdf/diccionario-de-partculas-discursivas-del-espaol-0/>>. Acceso em: 11 maio 2015.
- BUCKINGHAM, L. *Construcciones con verbo soporte en un corpus especializado*. Frankfurt: Peter Lang, 2009.
- BUCKINGHAM, L. *Poniendo en evidencia: an analysis of idiomatichity in light verb constructions in Latin American Spanish*. In: PAMIES, A.; PAZOS, J. M.; LUQUE NADAL, L. (ed.). *Phrase-*

- ology and Discourse: Cross-Linguistic and Corpus-based Approaches*. Baltmannsweiler: Schneide, p. 309-328, 2012.
- BURGER, H. *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1998.
- BURGER, H. Semantic aspects of phrasemes In: BURGER, H. ; DOBROVOL‘SKIJ, D. ; KÜHN, P. & NORRICK N. R. (ed.). *Phraseology: an International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 90-110. v.1.
- BURIDANT, C. L’approche diachronique en phraséologie. GRECIANO, G. (ed.). *Europhras 1988: phraséologie contrastive*. Strasbourg: Université, 1989, p. 31-42.
- BUSTOS PLAZA, A. *Combinaciones verbonominales y lexicalización*. Frankfurt: Peter Lang, 2005.
- CACCIARI, C.; TABOSSO, P. *Idioms: Processing, Structure and Interpretation*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, 1993.
- CALVO RIGUAL, C. I verbi sintagmatici italiani, con appunti contrastivi con lo spagnolo e il catalano. In: GONZÁLEZ ROYO, C.; MOGORRÓN, P. (ed.) *Estudios y análisis de fraseología contrastiva*. Alicante: Universidad, 2008. p. 47-66.
- CASARES, J. Introducción a la lexicografía moderna. *Revista de Filología Española*, Madrid, 1950.
- CASCUDO, L. C. *Locuções tradicionais no Brasil*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- ČERMÁK F. La identificación de las expresiones idiomáticas. In: LUQUE DURÁN, J. D. D.; PAMIES BERTRÁN, A. (ed): *Léxico y fraseología*. Granada: Método, 1998a. p. 1-18.
- ČERMÁK, F. Linguistic units and text entities: theory and practice. In: FONTENELLE, T. et al. (ed.). *Euralex ’98 Proceedings*, v. 1-2, p. 281-290, 1998b.
- ČERMÁK, F. Substance of idioms: perennial problems, lack of data or theory? *International Journal of Lexicography*, v. 14, p. 1-20, 2001.
- ČERMÁK, F. Introduction: phraseology and idiomatics in a wider perspective. In: ČERMÁK, F. *Fraseologia a idiomatika: česká a obecná*. Praha: Nakladatelství Karolinum, 2007. p. 74-128.
- CHAFE, W. L. Idiomaticity as an anomaly in the Chomskyan paradigm. *Foundations of Language*, v. 4, p. 109-127, 1968.
- CHLEBDA, W. The identity of phraseology. In: SZERSZUNOWICZ, J. et al (ed.). *Research on phraseology in Europe and Asia: focal issues of phraseological studies*. Bialystok: University, 2011, p. 13-24.
- COLSON, J. P. A new statistical classification of set phrases. In: PAMIES, A.; PAZOS, J. M.; LUQUE NADAL, L. (ed.). *Phraseology and Discourse: Cross-Linguistic and Corpus-based Approaches*. Baltmannsweiler: Schneide, 2012. p. 377-385.
- CONENNA, M. Structure syntaxique des proverbes français et italiens. *Langages*, 34, p. 27-38, 2000.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996a.
- COWIE, A. P. Multiword units in newspaper language. GRANGER, S. (ed.). *Perspectives on the English Lexicon*. Louvain-la-Neuve: Cahiers de l’Institut de Linguistique de Louvain, 1991. p. 101-116.

- CRUSE, D. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DANLOS, L. La morphosyntaxe des expressions figées. *Langages*, v. 14, p. 53-74, 1980.
- DAVEL, A. P. C. *Um estudo sobre o verbo suporte na construção Dar+SN*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Espírito Santo, Vitória, 2009.
- DEREWIANKA, B. Grammatical metaphor in the transition to adolescence. In: SIMON-VAN-DENBERGEN, A. M. et al. (ed.). *Grammatical metaphor*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 185-220.
- DOBROVOL'SKIJ, D. O.; PIIRAINEN, E. *Figurative Language: Cross-cultural and Cross-linguistic Perspectives*. Amsterdam: Elsevier, 2005.
- DOBROVOL'SKIJ, D. O. Phraseology: historical development and theoretical aspects. ORTÍZ, M. L. *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, 2012. p. 15-50. v. 1.
- DUBREIL, E. Collocations: définitions et problématiques. *Texto!*, v. 13, n. 1, p. 1-39, 2008.
- DUPUY-ENGELHARDT, H. (ed.). *Questions de méthode et de délimitation en sémantique lexicale*. Reims: Presses Universitaires de Reims, 1996. p. 51-64.
- ĐURČO, P. (ed.). Phraseology and Paremiology. *International Symposium Europhras*, v. 97. Bratislava: Akadémia PZ, 1998.
- FILLMORE, Ch. Frame semantics. *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.
- FILLMORE, Ch.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the Case of *Let Alone*. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- FIRTH, J. R. Modes of Meaning. *Papers in Linguistics 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press, 1951. p. 190-215.
- FIRTH, J. R. *A Synopsis of Linguistic Theory 1930-1955*. Oxford: University Press, 1957.
- FRANCESCONI, A. *I falsi amici: un confronto contrastivo spagnolo-italiano*. Chieti Scalo: Solfanelli, 2008.
- FRASER, B. Idioms within a Transformational Grammar. *Foundations of Language*, v. 6, p. 22-42, 1970.
- FRATH, P.; GLEDHILL, Ch. Qu'est-ce qu'une unité phraséologique? In: COSME, C. et al. (ed.). *Phraseology: the Many Faces of Phraseology*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique, 2005. p. 145-148.
- GARCÍA-PAGE, M. ¿Son las expresiones fijas expresiones fijas? *Moenia*, v. 7, p. 165-197, 2001.
- GARCIA-PAGE, M. *Introducción a la fraseología española*. Barcelona: Anthropos, 2008.
- GARCÍA-PAGE, M. Propiedades sintácticas de la comparativa estereotipada en español. *Romanisches Jahrbuch*, v. 59, p. 339-360, 2008a.
- GARCÍA-PAGE, M. La comparativa de intensidad: la función del estereotipo. *Verba*, v. 35: 143-178, 2008b.
- GARCÍA-PAGE, M. Collocations complexes (application à l'espagnol). *Linguisticae Investigationes*, v. 34, n. 1, p. 67-111, 2011.

- GIBBS, R. W. Psycholinguistic aspects of phraseology: American tradition. BURGER, DOBROVOLSKIJ, KÜHN & NORRIK (ed.). *Phraseologie: ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 819-836, 2007. v. 2.
- GIRY-SCHNEIDER, J. *Les prédicats nominaux en français*. Genève: Librairie Droz, 1987.
- GLÄSER, R. The grading of idiomaticity as a presupposition for a taxonomy of idioms. HÜLLEN, W. & SCHULZE, R. (ed.). *Understanding the Lexicon*. Tübingen: Max Niemeyer, 1988. p. 264-279.
- GLÄSER, R. The Stylistic Potential of Phraseological Units in the Light of Genre Analysis. In: COWIE, A. P. (ed.). *Phraseology: Theory: analysis and applications*. Oxford: University Press, 1998, p. 125-143.
- GLEDHILL, Ch. ; FRATH, P. Collocation, phrasème, dénomination: vers une théorie de la créativité phraséologique. *La linguistique*, v. 43, n. 1, p. 63-88, 2007.
- GLUCKSBERG; S. *Understanding Figurative Language: From Metaphor to Idioms*. Oxford: University Press, 2001.
- GONZÁLEZ REY, M. I. *La phraséologie du français*. Toulouse-Le-Mirail: Université, 2002.
- GRANGER, S. Pushing back the limits of phraseology. COSME, C. et al. (ed.). *Phraseology 2005: the Many Faces of Phraseology*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique, 2005. p. 165-168.
- GRÉCIANO, G. *Signification et dénotation en allemand. La sémantique des expressions idiomatiques*. Paris: Klincksieck, 1982.
- GROSS G. *Les expressions figées en français, noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, G. Réflexions sur la notion de figement. In : COSME, C. et al. (ed.). *Phraseology 2005: the Many Faces of Phraseology*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique, 2005. p. 5-12.
- GROSS, G. Mécanisme de la métaphore. MEJRI, S. (ed.). *A la croisée des mots: hommages à Taïeb Baccouche*. Paris/Sousse: Université de Paris, 2007.
- GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, v. 63, p. 7-52, 1981.
- GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 11, n. 2, p. 151-185, 1982.
- GROSS, M. Une famille d'adverbes figés, les constructions comparatives en comme. *Revue Québécoise de linguistique*. v. 13, n. 2, p. 237-269, 1983.
- GROSS M. Les limites de la phrase figée. *Langages*, v. 90, p. 7-22, 1988.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. *Writing Science: Literacy and Discursive Power*. London: Falmer Press, 1993.
- HAUSMANN, F. J. Le dictionnaire de collocations. In :HAUSMANN, F.J. et al. (ed.). *Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin: de Gruyter, 1989. v. 1.
- HAUSMANN, F. J. Tout est idiomatique dans les langues. In : MARTINS-BALTAR, M. (ed.). *La locution entre langue et usages*. Paris: E. N. S. Fontenay/Saint-Cloud, p. 277-290, 1997.

- HAUSMANN, F. J. O dicionario de colocacións. *Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía*. p. 63-81, 1997b.
- HEID, U. Décrire les collocations. *Terminologie et Traduction*, v. 2, n. 3, p. 523-548, 1992.
- HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces and gramaticalization*. London: Cambridge University Press, 1997.
- HEYVAERT, L. Nominalization as grammatical metaphor. SIMON-VANDENBERGEN, A. M. et al. (ed.) *Grammatical metaphor*. Amsterdam: John Benjamins. p. 65-100, 2003.
- IACOBINI, C. Phrasal verbs between syntax and lexicon. *Italian Journal of Linguistics*, v. 21, p. 97-117, 2009.
- JIA, Y. *Lenguaje y cultura en China: Lenguaje y cultura en España (estudio contrastivo lingüístico-cultural)*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidad de Granada, Granada 2012.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning. Imagination and Reason*, Chicago: University Press, 1987.
- KLEIN, J. R. ; LAMIROY, B. Routines conversationnelles et figements. In:
- ANSCOMBRE, J. C. ; Mejri, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011. p. 195-216.
- KOIKE, K. *Colocaciones léxicas en el español actual: estudio formal y léxico semántico*. Madrid: Universidad de Alcalá, 2001.
- KOIKE, K. Colocaciones complejas metafóricas. PAMIES, A.; PAZOS, J. M.; LUQUE NADAL, L. (ed.): *Phraseology and Discourse: Cross-Linguistic and Corpus-based Approaches*. Baltmannsweiler: Schneider, 2012. p. 73-80.
- KÖVESCES Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- KOZAK, K. Prototypical idioms vs. terms and common names. In: CONDE TARRIO, G. (ed.). *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Vodon (Belgium): E. M. E, 2007. p. 157-172.
- KUIPER, K. Syntactic aspects of phraseology II: generative approaches. In: BURGER, H. et al. (ed.). *Phraseology: an International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 53-63. v. 1.
- LABELLE, J. *Étude de constructions avec opérateur avoir (nominalisations et extensions)*. Paris: LADL, 1974
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAMIROY, B. Les notions linguistiques de figement et de contrainte. *Linguisticae Investigaciones*, v. 26, n. 1, p. 53-66, 2003.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.
- LANGLOTZ, A. *Idiomatic Creativity: A Cognitive Linguistic Model of Idiom-Representations and Idiom Variation in English*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

- LAPORTE, E. Reconnaissance des expressions figées lors de l'analyse automatique. *Langages*, v. 90, p. 117-126, 1988.
- ORTIZ, M. L. (ed.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 255- 268.
- LARRETA ZULATEGUI, J. P. Zu einer Klassifikation der verbalen Kollokation. *Deutsch als Fremdsprache*, v. 43, n. 1, p. 22-26, 2006.
- LÓPEZ GARCÍA, Á. La comparación en español: estructura fraseológica y estructura oracional. *Serta Philologica F. Lázaro Carreter*, Madrid, v.1. n. 1, p. 315-327, 1983.
- LUQUE DURÁN, J. de. D. Las colocaciones de cuantificación por comparación: tradición e innovación en las comparaciones proverbiales. In: LUQUE DURÁN, J. D. D. & PAMIES BERTRÁN, A. (ed.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método, 2005.
- LUQUE DURÁN, J. d. D. Codificación de la información lingüístico-cultural en los diccionarios interculturales. LUQUE J. D. D. ;PAMIES, A. (Org.). *Interculturalidad y lenguaje*. Granada: Método, 1997. p. 329-374. v. 1.
- LUQUE NADAL, L. Las comparaciones proverbiales en inglés. Una aproximación tipológica y traductológica. In: LUQUE DURÁN, J. D. D.; PAMIES BERTRÁN, A. (ed.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método, 2005. p. 381-397.
- LUQUE NADAL, L. *Principios de culturología fraseología españolas*. Frankfurt: Peter Lang, 2012.
- JORGE, G. A tradução nos estudos fraseológicos. ORTÍZ, M. L. *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, 2012. p. 59-90.
- MARTÍ SÁNCHEZ, M. Definición real de los fraseologismos. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación - CLAC*, Madrid, v. 24, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no24/marti.htm>>. Acesso em: 7 maio 2015.
- MARTÍ SÁNCHEZ, M. A distinción entre conxuncións e conectores discursivos e a sua manifestación fraseolóxica. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, v. 15, p. 209-234, 2013.
- MARTÍ SOLANO, R. From idiom variants to open-slot idioms. In: SZERSZUNOWICZ, J. et al (ed.). *Research on phraseology in Europe and Asia: focal issues of phraseological studies*. Bialystok: University, 2013. p. 3-24. v. 2.
- MARTIN, R. Sur les facteurs du figement lexical. MARTINS-BALTAR, M. (ed.), *La locution: entre langue et usages*. Fontenay-St Cloud: ENS, 1996. p. 291-306.
- MARTINET, A. *Éléments de linguistique générale*, Paris: Colin, 1960.
- MARTINET, A. Le syntème. *La linguistique*, v. 35, n. 2, 1999.
- MARTINEZ MARÍN, J. *Estudios de fraseología española*. Málaga: Ágora, 1996.
- MARTINEZ MARÍN, J. Unidades léxicas complejas y unidades fraseológicas. J. M. GONZÁLEZ CALVO, et al. (ed.). *El neologismo*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1999, p. 97-116.
- MEJRI S. *Le figement lexical, descriptions linguistiques structuration sémantique*, Tunis: Université de La Manouba, 1997a.
- MEJRI, S. French phraseology. In: BURGER, H.; DOBROVOL'SKIJ, D.; KÜHN, P.; NORRICK

- N. R. (ed.). *Phraseologie / Phraseology: ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b. p. 682-691. v. 2.
- MEJRI, S. Le figement lexical. *Cahiers de lexicologie*, v. 82, p. 23-40, 2003a.
- MEJRI, S. Introduction: polysémie et polylexicalité. *Syntaxe et sémantique*, v. 5, p. 13-30, 2003b.
- MEJRI, S. L'idiomaticité, problématique théorique. MEJRI, S. (ed.). *L'espace euro-méditerranéen: une idiomaticité partagée*. Actes du colloque international. Tunis: Ministère de l'Enseignement Supérieur, 2004. p. 231-243. Tomo II.
- MEJRI, S. Polylexicalité, monolexicalité et double articulation, *Cahiers de Lexicologie*, v. 2, p. 209-221, 2006.
- MEJRI, S. (ed.). *A la croisée des mots: hommages à Taïeb Baccouche*. Paris: Université de Paris-13, Université de Sousse, 2007.
- MEJRI, S. Figement, collocation et combinatoire libre. In: ANSCOMBRE, J. C. ; MEJRI, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011a. p. 63-77.
- MEJRI, S. Phraséologie et traduction des textes spécialisés. GONZÁLEZ ROYO, C. & MOGORRÓN, P. (ed.). *Fraseología contrastiva*. Alicante: Universidad, 2001b. p. 125-138.
- MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In : ORTIZ, M. L. (ed.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 139-156. v. 1.
- MEL'ČUK, I. Phrasemes in language and phraseology in linguistics. In: EVERAERT, M. et al. (ed.). *Idioms: structural and psychological perspectives*. Hillsdale: Erlbaum, 1995. p. 167-232.
- MEL'ČUK, I. Collocations and lexical functions. In: COWIE, A. P. (ed.) *Phraseology: Theory, analysis and applications*. Oxford: University Press, 1998. p. 23-54.
- MEL'ČUK, I. Collocations: définition, rôle et utilité. GROSSMANN, F. ; TUTIN, A. (ed.). *Les collocations: analyse et traitement*. Travaux et recherches en linguistique appliquée. Amsterdam: de Werelt, 2003. p. 23-31.
- MEL'ČUK, I. Phrasèmes dans le dictionnaire. In : ANSCOMBRE, J. C.; MEJRI, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011. p. 41-62, 2011.
- MEL'ČUK, I. CLAS, A. POLGUÈRE, A. *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1995.
- MELLADO BLANCO, C. *Fraseologismos somáticos del alemán*. Frankfurt: Peter Lang, 2004.
- MELLADO BLANCO, C. (ed.). *Colocaciones y fraseología en los diccionarios*. Frankfurt: Peter Lang, 2008.
- MENDÍVIL GIRÓ, J. L. *Las palabras disgregadas. Sintaxis de las expresiones idiomáticas y los predicados complejos*. Zaragoza: Universidad, 1999.
- MIEDER, W. *Proverbs: A Handbook*. Westport: Greenwood Press, 2004.
- MOGORRÓN HUERTA, P. Les expressions figées le sont-elles vraiment? In: ANSCOMBRE, J. C. ; MEJRI, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011. p. 217-234.
- MOGORRÓN HUERTA, P. *La expresividad en las locuciones verbales en francés y español*. Alicante: Universidad, 2002.

- MOGORRÓN HUERTA, P. Les expressions figées gestuelles en français et en espagnol In: MEJRI, S. (ed.). *A la croisée des mots: hommages à Taïeb Baccouche*. Université de Paris-13, 2007. p. 207-228.
- MOKIENKO, V. *Славянская фразеология*. Москва: Высшая Школа, 1980.
- MOKIENKO, V. Intertextemas y texto en las lenguas eslavas. In: LUQUE, J. DE. D.; PAMIES, A. (ed.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método, 2005. p. 149-174.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Symbolisme chromatique et signification linguistique: la fluctuation métonymique du lilas dans la chanson brésilienne. In: LUQUE, J. D. D.; PAMIES, A. (ed.). *Interculturalidad y lenguaje II: Identidad cultural y pluralidad lingüística*. Granada: Método, 2007. p. 347-356.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In: SILVA, S. (ed.). *Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos*. Londrina: Universidade Estadual, 2012. p. 121-146.
- MONTORO DEL ARCO, E. T. *Teoría fraseológica de las locuciones particulares. Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español*. Frankfurt: Peter Lang, 2006.
- MONTORO DEL ARCO, E. T. Relaciones entre Morfología y Fraseología: las formaciones nominales pluriverbales. ALMELA, R.; MONTORO, E. T. (ed.). *Neologismo y morfología*. Murcia: Universidad, 2008. p. 121-146.
- MONTORO DEL ARCO, E. T. Locutions à cases vides, locutions à cases libres et phénomènes apparentés. ANSCOMBRE, J. C. ; MEJRI, S. (ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011. p. 249-265.
- MONTORO DEL ARCO, E. T. Fraseología y paremiología. ZAMORANO, A. (ed.). *Reflexión lingüística y lengua en la España del XIX*. Munich: LinCom, 2012. p. 173-196.
- MOON, R. *Fixed Expressions and Text: A Study of the Distribution and Textual Behaviour of Fixed Expressions in English*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- NÁRAY-SZABÓ, M. Quelques remarques sur la définition du phrasème. *Revue d'Études Françaises*, v. 7, 2002.
- NÁRAY-SZABO, M. Verbes supports et prédicats illocutoires. In: PAMIES, A.; LUQUE NADAL, L.; PAZOS, J. M (ed.). *Phraseology and Discourse: Cross-Linguistic and Corpus-based Approaches*. Baltmannsweiler: Schneider, 2012. p. 81-90.
- NAVARRO, C. Observaciones sobre fraseología española, *Quaderni di lingue e letteratura*, v. 24, p. 77-87, 1999.
- NIKIFORIDOU, K. The meanings of the genitive: a case study in semantic structure and semantic change. *Cognitive Linguistics*, v. 2, p. 149-205, 1991.
- NUCCORINI, S. Basic Approaches to the Analysis of English Support Verbs Constructions. *Classi di parole e conoscenza linguistica. Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*, v. 39, n. 2, p. 347-364, 2000.
- OLIVEIRA SILVA, M. E. O. *Fraseografia teórica y práctica*. Frankfurt: Peter Lang, 2007.
- ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol comparativo: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português língua estrangeira*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.



- ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, 2012.
- PAMIES, A. Sémantique grammaticale de la possession dans les langues d'Europe. In: CASTAGNE, E. (ed.). *Modélisation de l'apprentissage simultané de plusieurs langues apparentées*. Nice: Université Sophia-Antipolis, 2001. p. 67-98.
- PAMIES, A. La posesión en las lenguas americanas: *Univer-SOS (Lenguas Indígenas y Universos Culturales)*, v. 1, p. 81-102, 2004a.
- PAMIES, A. A relação forma-sentido na construções possessivas nas línguas do mundo. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 139, p. 71-86, 2004b.
- PAMIES, A. Comparación esterotipada y colocaciones en español y en francés In: LUQUE DURÁN, J. D. D.; PAMIES BERTRÁN, A. (ed.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método, 2005.
- PAMIES, A. De la idiomaticidad y sus paradojas. CONDE, G. (ed.). *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon (Bélgica): InterCommunications & E. M. E: 173-204, 2007a.
- PAMIES, A. El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. LUQUE, J. D. D.; PAMIES, A. (ed.). *Interculturalidad y lenguaje*. Granada: Método: 2007b. p. 375-404. v. 1.
- PAMIES, A.; DOBROVOL'SKIJ, D. (ed.). *Linguo-cultural competence and phraseological motivation*. Baltmannsweiler: Schneider, 2012.
- PAMIES, A.; GUIRAO, J. M. ; BOLÍVAR, J. Critères pour la détection automatisée des phraséologismes en corpus réel. *Travaux du L. I. L. L. A*, 3, p. 117-130, 1998.
- PAMIES, A., NATALE, D. El simbolismo floral en las metáforas creativas y en la fraseología, *Fraseologia e Paremiologia: seconda giornata di studio*. Università di Roma III & Università La Sapienza, 6-7 junio 2012 [no prelo], 2014.
- PAMIES A. ; PAZOS J. M.; GUIRAO J. M. Dárselas de fraseólogo vs. ir de fraseólogo por la vida: indagación experimental sobre el verbo *desemantizado*. PAMIES, A. (ed.). *De Lingüística, traducción y léxico-fraseología: homenaje a Juan de Dios Luque Durán*. Granada: Comares, 2013, p. 489-512.
- PAWLEY, A. Developments in the study of formulaic language since 1970: A personal view. In: SKANDERA, P. (ed.). *Phraseology and Culture in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 3-45.
- PAZOS, J. M.; PAMIES, A. Combined statistical and grammatical criteria for the retrieval of phraseological units in an electronic corpus. In: GRANGER, S. ; MEUNIER, F. (ed.). *Phraseology: an Interdisciplinary Perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 391-406.
- PECMAN, M. L'enjeu de la classification en phraséologie. In: HÄCKI-BUHOFFER, A. ; BURGER, H. (ed.). *Phraseology in Motion*. Baltmannsweiler: Schneider, 2007. p. 29-48, 2007. v. 2.
- PELLEN, R. Phraséologie et phraséographie en espagnol. De la typologie à l'inventaire des ressources. *Bulletin Hispanique*, v. 103, n. 2, p. 607-674.
- PENADÉS, I. *Gramática y semántica de las locuciones*. Alcalá de Henares: Universidad, 2012.
- PORTOLÉS LÁZARO, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.
- POTTIER, B. *Présentation de la linguistique: fondements d'une théorie*. Madrid: Alcalá, 1967.
- QUIROGA, P. *Fraseología italo-española: aspectos de lingüística aplicada y contrastiva*. Granada: Método, 2006.

- RANCHHOD, E. M. *Sintaxe dos Predicados Nominais com ESTAR*. Lisboa: Universidade, 1990.
- RANCHHOD, E. M. O lugar das expressões fixas na gramática do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (ed.). *Razões e Emoção: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003, p. 239-254.
- RUIZ GURILLO, L. Clasificación no discreta de las unidades fraseológicas. WOTJAK, G. (ed.). *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 1998. p. 13-37.
- RUIZ GURILLO, L. Las locuciones marcadoras del español: análisis y aplicaciones en ALME- LA, R. et al. (ed.). *Fraseología contrastiva*. Murcia: Universidad, 2005. p. 241-257.
- SEVILLA MUÑOZ, J. Las paremias españolas: clasificación, definición y correspondencia francesa. *Paremia*, v. 2, p. 15-20, 1993.
- SILVA, S. (ed.). *Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos*. Londrina: Universidade Estadual, 2013.
- SIMON-VANDENBERGEN, A. M. ; TAVERNIERS, M.; RAVELLI, L. (ed.). *Grammatical metaphor*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- SINCLAIR, J. M. Beginning the study of lexis. In: BAZELL, C. E. et al. (ed.). *In Memory of John Firth*. London: Longman, 1966. p. 410-430.
- SINCLAIR, J. M. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: University Press, 1991.
- SKOREPOVÁ, A. *Estudio tipológico, formal y léxico-semántico de las colocaciones léxicas verbo-nominales en el checo actual*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Granada, Granada, 2008.
- SVENSSON, M. E. *Critères de figement: L'identification des expressions figées en français contemporain*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Umeå, Umeå, 2004.
- SZENDE, T. À propos des séquences intensives stéréotypées. *CLex*, v. 74, n. 1, p. 61-77, 1999.
- TABOSSI, P. Why are idioms recognized fast? *Journal of Memory and Language*, v. 37, n. 4, 2009.
- TAGNIN, S. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. São Paulo: Disal, 2005.
- TAVERNIERS, M. Grammatical metaphor in SFL. In: SIMON-VANDENBERGEN, A. M. et al. (ed.). *Grammatical metaphor*. Amsterdam: John Benjamin, 2003. p. 5-30.
- TCHOBANOVA, I. Estudio de la embriaguez en la fraseología portuguesa. In: PAMIES, A.; DOBROVOL'SKIJ, D. O. (ed.). *Linguo-cultural competence and phraseological motivation*. Baltmannsweiler: Schneider, 2011. p. 215-223.
- TORR, J.; SIMPSON, A. The emergence of grammatical metaphor In: SIMON-VANDENBER- GEN, A. M. et al. (ed.). *Grammatical metaphor*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 169-184.
- TUTIN, A. ; GROSSMANN, F. Collocations régulières et irrégulières: esquisse de typologie du phénomène collocatif. *Revue Française de Linguistique Appliquée*. v. 7, p. 7-25, 2002.
- VALE, O. A. *Expressões Cristalizadas do português do Brasil: uma Proposta de Tipologia*, 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2002.
- VINOGRÁDOV, V. V. Об основных типах фразеологических единиц в русском языке. *Из- бранные труды. Лексикология и лексикография*. Москва: Наука, 1947, p. 140-162.

VOGHERA, M. Lessemi complessi: percorsi di lessicalizzazione a confronto. *Lingua e Stile*, v. 29, n. 2, p. 185-214, 1994.

WEINREICH, U. Problems in the analysis of idioms. PUHVEL, J. (ed.). *Substance and Structure of Language*. Berkeley: University of California Press, 1969. p. 23-81.

WOTJAK, G. Acerca del potencial combinatorio de las UL: procedimientos escenogénicos y preferencias sintagmático-colocacionales. In: MELLADO, C. (ed.). *Colocaciones y fraseología en los diccionarios*. Frankfurt: Peter Lang, 2008. p. 193-210.

XATARA, C. *A comparação nas expressões idiomáticas*, São Paulo: Alfa, 1997.

XATARA, C. A produção fraseoparemiográfica. ORTÍZ, M. L. *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, 2012. p. 205-212.

ZINGLÉ, H. The Z-station and the modelling of linguistic knowledge, In: *Current issues in mathematical linguistics*, Amsterdam: Elsevier, 1994. p. 423-432.

ZINGLÉ, H. Ingénierie linguistique et traduction. In: ORTEGA ARJONILLA, E.; FÉLIX FERNÁNDEZ, L. (ed.): *Lecciones de teoría y práctica de la traducción*. Universidad de Málaga, 1996. p. 185-202.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter Lang, 1980.

ZULUAGA, A. Los enlaces frecuentes de María Moliner: observaciones sobre las llamadas colocaciones. *Lingüística Española Actual*, Madrid v. 24, n. 1, p. 97-114, 2002.